

O olhar da imprensa sergipana nos jornais Folha da Manhã, Correio de Aracaju e revista Novidade sobre as “damas da noite” e os cabarés aracajuanos durante o Estado Novo (1937-1945).

DÉBORA SOUZA CRUZ¹

Estabelecido no Brasil em um período entre guerras, o Estado Novo (1937-1945) se apoiou na crise do sistema liberal, no qual se mostrava incapaz de solucionar os problemas sociais. Diante desta situação e das críticas direcionadas à democracia, a busca por um Estado forte, centralizador e conduzido por um líder carismático parecia a melhor solução para estabelecer a ordem entre a população brasileira. Desta forma, Getúlio Vargas² (1882-1954) permanecia como líder do país e conduzia um dos regimes considerados mais repressivos da história nacional. Com uma forte concentração no Executivo Federal, censura através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e proibição de qualquer manifestação oficialmente contrária ao seu governo, Vargas tentava controlar o cotidiano da população brasileira. Em Sergipe, o primeiro governante neste período, também nomeado interventor foi o médico Eronides de Carvalho³.

¹Mestranda pelo programa de pós-graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe.

²**Getúlio Dornelles Vargas** era formado em advocacia. Nasceu em São Borja, Rio Grande do Sul, em 19 de abril de 1883. Foi promotor público, deputado estadual (1909-1911, reeleito em 1917), deputado federal em 1923 e ministro da Fazenda (1926-1927). Governou como presidente provisório no ano de 1930 a 1934. Em 1937 liderou um golpe de Estado do qual manteve-se no poder até 1945. Em 1950, volta ao cenário político como presidente da República. Porém, foi no ano de 1954, em meio a uma crise política que Getúlio Vargas matou-se com um tiro no peito. Sobre Getúlio Vargas ver: FONSCECA, Silva. **Getúlio Vargas**. São Paulo: O Globo, 2004.

³ **Eronides Ferreira de Carvalho** nasceu em Canhoba (SE), no dia 25 de abril de 1895. Em 1911 matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo em 1918. No ano seguinte, tornou-se Diretor-Geral interino da Higiene e Saúde Pública de Sergipe. em 1923, foi aprovado para o corpo de Saúde do Exército. Em 1924, tornou-se primeiro tenente e dois anos depois fez parte do grupo que perseguiu a Coluna Prestes no Nordeste. Em 1935 tornou-se Governador Constitucional, sendo eleito indiretamente. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, onde tinha um Cartório, em março de 1969. Sobre Dom José Tomaz ver: BARRETO, Luiz Antonio. **Dicionário de nomes de denominações de Aracaju**. Aracaju: Banese, 2002.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Justamente por marcar a história brasileira com suas características autoritárias, o estudo sobre o Estado Novo tem sido alvo de interesse entre os historiadores desde

meados da década de 1980, momento em que o país passava pelo processo de redemocratização. Segundo Maria Helena Capelato, um dos objetivos dos pesquisadores que se dedicam ao estudo do Estado Novo, é “buscar identificar neste período, fórmulas autoritárias cujos traços persistiam na cultura política brasileira” (CAPELATO, 2007: 111). A partir de então, uma variedade de pesquisas já foi desenvolvida sobre tal período com os mais diversos temas, aspectos e questões até então pouco explorados.

Tendo em vista que a grande maioria dos estudos sobre os anos 1930 e 1940 está voltada para a análise dos aspectos políticos, este trabalho tem como objetivo abordar como as prostitutas e os cabarés eram representados pela imprensa aracajuana nos jornais locais *Correio de Aracaju*⁴, *Folha da Manhã*⁵ e também na *Revista Novidade*⁶.

Justamente por se tratar de um período em que buscava a modernização do país aliado ao controle da população, principalmente na vigilância dos ambientes de diversão, além da higienização dos corpos e na tentativa de afastar os trabalhadores brasileiros de alguns vícios como álcool, jogos de azar e orgias, frequentemente os jornais e revista locais descreviam negativamente as prostitutas e os prostíbulos da cidade de Aracaju.

Foi baseado em uma sociedade extremamente moralista e na valorização de valores defendidos pela igreja como a união sexual monogâmica, família e virgindade, que o conceito de prostituição foi produzido. Sendo assim, antes mesmo dos discursos e propagandas pejorativas incentivadas no período do Estado Novo em relação a prostituição, seu conceito já veio enraizado de sentidos negativos. Tais discursos depreciativos fizeram com que por muito tempo, tais personagens não fossem

⁴ **O Correio de Aracaju** foi fundado por Oliveira Valadão em 24 de outubro de 1906. Valadão objetivava defender o regime republicano federativo elevamento moral e político de Sergipe. O lançamento de sua primeira edição ocorreu durante a realização da festa comemorativa da emancipação política de Sergipe. Nos anos de 1939 a 1945, o diretor era o senhor Luis Garcia. Ver mais em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/JORNAL%20CORREIO%20DE%20ARACAJU%20E%20O%20FIM%20DA%20SEGUNDA%20GUERRA.pdf>

⁵ Nos anos entre 1939 a 1945, o diretor do jornal *Folha da Manhã* era o senhor Adroaldo Campos.

⁶ A **Revista Novidade** é do ano da instituição do Estado Novo, ou seja, 1937. Foi considerada a única revista bimestral e era definida como literária e comercial. Ver mais em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/A%20imprensa%20em%20Sergipe.pdf>.

considerados importantes, sendo esquecidos na historiografia. Sendo assim, ao voltarmos nossa atenção para este estudo, pretendemos não mais deixar tais atores sociais e espaços à margem da história.

Preocupados com a presença das meretrizes e a freqüente procura por parte dos homens e rapazes aracajuano pelas mesmas, o Governo, médicos e sanitaristas buscavam alertar a população de Aracaju para a importância da educação moral e sexual que os pais deveriam transmitir aos seus filhos, principalmente aqueles de sexo masculino. É importante lembrar-nos que neste período (1930-1940), o saber médico era considerado único e legítimo, além disso, os profissionais da saúde desempenhavam a função de transformar as cidades em espaços civilizados e livres de doenças e da falta de higiene. Entretanto, tal tarefa não foi fácil.

Exemplo da dificuldade encontrada para colocar em prática novos modos na população aracajuana, é uma nota de desabafo escrita por um repórter no Jornal *Folha da Manhã*. O repórter estava sentado em um dos cafés da cidade, *Café Moca*, situado no cruzamento da Rua João Pessoa com Laranjeiras, quando viu um “homem do povo” que se dirigiu para o rio Cotinguiba, a fim de jogar um cavalo que já estava em estado de putrefação. A revolta do repórter é concluída da seguinte maneira: “tal hábito, de gente sem noção de educação, precisa ter um corretivo, principalmente agora que o nosso serviço de saúde pública está tão severo e eficaz” (FOLHA DA MANHÃ, 1939:1). Nas últimas palavras do repórter, percebemos que se trata de um período em que mudanças na política sanitária estavam severamente tentando ser implantadas na capital.

Toda esta preocupação por parte do jornalista com os “maus hábitos” ainda presentes na capital, estava relacionada ao desejo de que Aracaju fosse enquadrada dentro dos moldes da modernização e civilização, principalmente tomando como exemplo cidades européias. Por isso, não só o repórter, mas também o governo almejavam transformar alguns hábitos da população. Estas mudanças estavam relacionadas à saúde pública, à higienização e ao policiamento dos corpos. Dessa forma, a falta de higiene e a procura pelas prostitutas, representavam não só um entrave para as medidas morais e progressistas não só para Aracaju, mas para toda a nação.

Além dos médicos e sanitaristas, a imprensa local funcionava como uma difusora de valores no projeto civilizador, mas também era eficiente em atribuir qualidades depreciativas e clichês em relação às “mulheres de vida fácil”.

Frequentemente, vários discursos eram construídos e divulgados em jornais e revistas, no qual as prostitutas e os cabarés eram os principais alvos de ataques. Levando em consideração a afirmação de Foucault, em que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos” (FOUCAULT, 2006: 45), notamos que era justamente através dos discursos publicados na imprensa que Vargas tentava manter a moral e os bons modos na capital, como podemos perceber na nota de jornal denominada *A má educação, fonte de má saúde física e moral*:

“(...) Quando a criança se encontra em face de dificuldades e exigências sociais procuram um meio de evadir-se. Este meio podem ser os tóxicos, o álcool, as perversões sexuais, se alguma profunda ligação afetiva ou se uma irreprimível inclinação religiosa não a salvar destas misérias extremas (...)” (FOLHA DA MANHÃ, 1939:3).

Neste período, a religião e a família eram vistas como duas instituições que deveriam ser sólidas e seguras para que os homens não procurassem uma casa de prostituição, cassinos ou bares como uma válvula de escape para suas perversões sexuais. Se o caminho escolhido fosse os cabarés, existia o risco do casamento, que tanto era estimulado pela Igreja, desmoronar dando início a um divórcio.

Por sua vez, o divórcio não era visto com bons olhos pelos “moralistas” da época, como podemos perceber na nota denominada *O divórcio*, publicada no jornal Folha da Manhã pelo autor de nome Luiz Pereira de Melo. Segundo ele, através do divórcio, “a sociedade iria caminhar para a devassidão, aberrando contra os sentimentos daquilo que mais deveria ser respeitado, a família” (FOLHA DA MANHÃ, 1939: 5). Além disso, um bom e respeitável homem era aquele que vivia com uma única parceira até o último momento de sua vida, pois só assim a prostituição deveria ser evitada.

Sem se enquadrar nos valores defendidos pela Igreja e sociedade, as prostitutas ocupavam uma posição totalmente oposta a “rainha do lar”, a mãe exemplar. As meretrizes, que optavam viver sexualmente livres, na maioria das vezes não estavam dispostas a dedicar suas vidas à maternidade e ao matrimônio, que eram considerados as duas principais funções que deveriam ser desempenhadas pelas “mulheres normais”, o que fazia com que o preconceito aumentasse ainda mais sobre elas. Porém, estudos mostram, como é o caso da tese defendida por Margareth Rago intitulada *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, que apesar desta tentativa de imposição na separação e contraste entre “mulheres

horizontais” e “mulheres direitas”, essas nem sempre se vestiam com roupas e adereços que pudessem identificá-las como tal. Muitas prostitutas de luxo chegavam a freqüentar lugares em que as mulheres respeitáveis também se encontravam ou freqüentavam, sem que ninguém notasse qual a sua verdadeira ocupação.

Mulheres consideradas de “família” deviam evitar sair nas ruas depois das vinte e uma horas, principalmente se estivesse acompanhada de seu noivo ou namorado. Batons de tons fortes como o vermelho ou esmaltes também escuros também deviam ser evitados pelas “moças direitas”, justamente para que não fossem confundidas com prostitutas. Lugares como esquinas, praças, bares e, principalmente a zona portuária, após as vinte e uma horas, eram frequentadas por meretrizes que desfilavam pelas ruas em busca de seus clientes. O poeta José Sampaio escreveu no Correio de Aracaju sobre a busca dos “homens de bordo” pelos prostíbulos:

“(...) homens de bordo, sorrindo com elas, batendo nas espáduas nuas das mais interessantes, porque vieram do mar e queriam brincar com mulheres. Gente que chega de dois em dois meses, gasta dinheiro sem pena com elas. Escolhe a mulher, beija, ama e vai embora depois sem se lembrar do nome delas” (...) (CORREIO DE ARACAJU, 1938:4)

De acordo com o poeta, as prostitutas eram comparadas e consideradas pelos seus clientes como objetos do prazer, servindo apenas por um momento, ou seja, na busca pelo sexo, já que depois de ir embora, seus nomes eram esquecidos pelos boêmios da cidade. Assim como a “mulher horizontal”, os prostíbulos também são apresentados como ambientes em que a única finalidade para a sua procura era o ato sexual. Difícil era convencer os jovens e homens aracajuanos de que um prostíbulo não devia ser um ambiente frequentado.

Ao passar de noite em frente ao Mira-mar, os jovens eram convidados a entrar pelas músicas que eram transmitidas no alto-falante instalado na fachada da “casa da luz vermelha”. Através do texto escrito por José Sampaio no Correio de Aracaju podemos perceber algumas características que são atribuídas por ele à boate Mira-mar:

“(...) e caminhamos os três para o Mira-mar(..) No meio do salão dansava uma negra do rosto papudo. O baton na pele escura dava uma cor arrouxeada como se estivesse levado uma dentada no beijo. (...) Tinha as que cantavam e sorriam. E a casa cheia de alegria delas. As mais velhas, ficavam nos cantos, escondendo margem dos rostos cansadas. Outras

dansando, boliam o corpo todo no samba, remexendo os quadris, enfiando a cadencia, o suor desmanchando as rosas do rosto(...). No Mira-mar a desgraça e a felicidade vivem unidas (CORREIO DE ARACAJU, 1938: 3).

Localizada no andar superior de um edifício que estava situado na Avenida Otoniel Dória com a Praça General Valadão e Misael Mendonça, a Boate Mira-mar tinha como seu proprietário o senhor conhecido como “Tonho do Mira”. A casa de show possuía um palco para apresentações e algumas cortinas que decoravam o ambiente. Quase sempre lotada, a casa devia boa parte dos seus frequentadores não só às boas orquestras que ali se apresentavam, mas também devido às garotas de programa que estavam presentes como Núbia, Alba, Belinha, Ivete, Zefinha e entre outras que cantavam, dançavam e transpiravam no salão, desmanchando suas maquiagens do rosto.

Além da orquestra, alguns balés faziam parte da programação da boate. Entre eles estavam o de “Mãesinha Golden Show”, “El Cubancheiros e suas Rumbeiras” e sem falar do de Reginaldo Camargo e suas formosas bailarinas, que finalizavam o espetáculo fazendo um Top-less.

Ao mesmo tempo em que os cabarés eram vistos como lugares proibidos, o poeta deixa claro que a desgraça e a felicidade estão juntas. A felicidade não só pelo sexo, mas também pelas apresentações de dança, pela conversa e pelo momento de distração em um período tão repressivo. Desgraça porque eram nestes locais que a imprensa associava ao contágio com as doenças sexualmente transmissíveis. Desgraça ligadas aos vários conflitos que muitas vezes podiam acabar em morte, como foi o caso de José Viana no cabaré *Bar Brama*.

Numa sexta-feira, mais precisamente no dia 8 de outubro do ano de 1937, uma violenta cena de sangue teve início no bar. A briga ocorreu altas horas da noite entre José Vianna e um “homem de bordo” conhecido como Conde. O que mais nos chama atenção é que o ocorrido se deu devido ao ciúme que Vianna sentiu em relação a uma prostituta “das suas predileções”, chamada Maria Augusta, que ali se encontrava trocando carícias com o marujo.

Após a troca de carinhos no bar, Conde decidiu usufruir do trabalho da mulher horizontal na casa da mesma, porém antes de se direcionar para a residência de Maria Augusta, que ficava entre a Rua Laranjeiras e Siriri, o marujo foi até a sua embarcação e levou sua arma de fogo. Enquanto isso, Vianna, inconformado e ainda

tomado pelo alto teor alcoólico, se direcionou também para a residência de Augusta. Quando ambos novamente se encontraram, foram travadas novas discussões que culminou com quatro tiros executados pelo marujo tendo como alvo Vianna.

Entretanto, mesmo sabendo que a morte foi provocada pelo marujo de nome Conde, a principal responsável pelo acontecimento, segundo o jornal, é a prostituta Maria Augusta, colocada como o “pivot da questão”. Ao final do relato sobre o ocorrido “Maria Augusta foi recolhida à prisão e o cadáver do infeliz foi dado a sepultura” (CORREIO DE ARACAJU,1937:4). O assassino não é preso nem mencionado pelo jornal. Vianna, que se direcionou a residência da prostituta e optou por dar continuidade ao conflito, acaba sendo vitimizado. No lugar do marujo, Maria Augusta, que possui uma profissão baseada no comércio do seu corpo, portanto, não tem a obrigação de deitar-se com um único homem, foi presa e colocada como principal agente.

Caracterização negativa associada à prostituta e ao cabaré não faltava. Era frequente colocá-los como principais disseminadores da sífilis e de outras doenças venéreas. Tal discurso era sustentado principalmente pelos médicos e especialistas, que tentavam constantemente frear o aumento das doenças sexualmente transmissíveis e buscavam justificar suas origens por meio do crescente comércio dos corpos, como constatamos nos trechos a seguir retirados do jornal Folha da manhã:

“(...) A primeira vista parece que o problema das doenças venéreas não tem também suas origens no pauperismo, senão numa falta de educação sanitária. Pensamos ao contrario. Comecemos pelo problema da prostituição, único fator da transmissão das molestias venereas (...) é a prostituição uma nodoa na sociedade de uma Nação, mercado da carne para o sustento de infelizes criaturas (...)”(FOLHA DA MANHÃ, 1945:2).

Na nota médica acima é apontado que o problema das doenças venéreas não está ligado ao fator financeiro da cidade, mas na escassez de uma orientação relacionada a higiene e, principalmente na existência da prostituição. Foi pensando neste problema que o Governo, juntamente com profissionais da saúde, realizou no dia 2 de outubro de 1945 a Primeira Semana Anti-Venérea na capital sergipana⁷.

A programação teve exposições públicas, conferências e palestras que foram realizadas no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, além de fábricas,

⁷ **Folha da manhã.** Primeira Semana Anti-Venérea. Aju, 28 de setembro de 1945, p. 02.

colégios e corporações militares. As palestras contaram principalmente com a presença de médicos do Departamento de Saúde como Dr. Carlos Firpo ⁸, Dr. Carlos Souto e Dr. Walter Cardoso, então diretor do Departamento de Saúde.

Além da necessidade de se realizar a Primeira Semana Anti-Venérea, notamos que as indagações feitas por médicos e higienistas não vieram em benefício das meretrizes, muito pelo contrário, serviram para estereotipá-las ainda mais. As prostitutas estão descritas como “infelizes criaturas” que trazem como conseqüência do seu trabalho uma “nodoa” não só para a cidade de Aracaju, mas toda a Nação. Ou seja, são elas, juntamente com a comercialização dos seus corpos que deixam uma “sujeira” nas ruas, afrontando os valores morais e higiênicos que estavam tentando ser implantados. São elas que auxiliam na difusão de doenças.

Porém, devemos atentar para o fato de que as prostitutas, apontadas como a principal forma de contágio com a sífilis, não há indícios ou registros que comprovem que estas recebiam algum tipo de investimento na educação sexual e orientação sanitária. A conseqüência disso era que elas acabavam se tornando mais vulneráveis às doenças venéreas e enquadradas como imundas, feias e doentes, como podemos notar no poema abaixo publicado na revista *Novidade*, tendo como autor José Fábio dos Anjos:

*Vagando por uma noite fria de inverno,
Ouço ruídos, algazarra, um inferno
Despertando em mim uma estranha alegria (...)
Meus olhos querem ver (...) Penetro-me, afinal, na casa da orgia.
(...) Contrastando o que há de puro e castro,
Mulheres febris estorcem-se semi-núas (...)
(...) Uma mulher magra, de pálida belêsa
Fuma, sorri, bebe e canta como louca!
(...) um riso de escárneo escapalhe da boca (NOVIDADE, 1939)*

⁸ **Carlos Firpo** foi considerado um médico renomado, além assumir a prefeitura de Aracaju entres os anos de 1941 a 1942. No dia 23 de março de 1958, Firpo Fo assassinado em sua própria residência enquanto dormia. Tal crime foi muito comentado na época e agitou a cidade aracajuana. Ver mais em BARRETO, Luiz Antonio. **Dicionário de nomes de denominações de Aracaju**. Aracaju: Banese, 2002.

Nos versos acima, mais uma vez notamos a presença de estereótipos negativos construídos em torno das “mulheres de vida fácil”. Novamente são apresentadas como doentes, esqueléticas, não apresentáveis e entregues aos vícios que deveriam ser evitados, o álcool e a orgia. Porém, apesar desta realidade encontrada pelo poeta, nota-se que há um interesse e uma curiosidade presente no mesmo, assim que escuta os ruídos e a “algazarra” que vem de dentro do cabaré.

Ao mesmo tempo em que o mundo das meretrizes se apresenta como assustador, desperta no autor “uma estranha alegria” que o convida para entrar no prostíbulo. Era justamente por constituir um ambiente tão assustador, mas ao mesmo tempo tão fascinante, que tais espaços também eram colocados e deveriam ser difundidos para a população como ambientes sombrios⁹ e perigosos, lugares que apenas serviam para o contágio com as doenças sexualmente transmissíveis.

Era com base nesta descrição acima, ou seja, um lugar que não deveria ser freqüentado porque possuía apenas malefícios, que as propagandas de pomadas, elixir e médicos especialistas que garantiam a cura da sífilis em apenas poucos dias, se utilizavam. Notamos nas imagens a seguir, que o cabaré e a meretriz são interpretados como “uma porta aberta para muitos males” e que bastava o contato com ambos, tanto com a mulher horizontal, quanto com os prostíbulos, para que tais “doenças de mau caráter” fossem aderidas facilmente.



⁹POZZOLI, Marilita. No cabaret. **Correio de Aracaju**. Aju, 24 de novembro de 1937, p. 04.



As imagens acima pertencem ao acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dória, localizada na cidade de Aracaju e se encontram no jornal Correio de Aracaju. A primeira data de 1938 e a segunda de 1939. Ambas fazem propagandas de remédios que se apresentam como eficazes no combate a gonorréia e outras doenças sexualmente transmissíveis, ou chamadas também de “doenças de mau caráter”. Na propaganda do Elixir Vitril, o desenho faz referência a uma casa de prostituição que se encontra de portas abertas “para muitos males”. Ambas trazem a ideia da dicotomia entre cabarés e moralidade.

Responsáveis pelo desestruturamento familiar, “pivot” de conflitos que acabaram em mortes, opostas a mulher-esposa-mãe, transmissoras da sífilis, feias, doentes e esqueléticas, moradoras de ambientes imundos, enfim, mesmo com todos estes estereótipos construídos sobre as meretrizes e toda vigilância voltada para a “casa da orgia” durante o período do Estado Novo, a prostituição e suas personagens e ambientes não deixaram de existir. Existiram alguns motivos para o não desaparecimento do amor venal.

Um deles é que apesar da mulher de vida fácil não ser vista com bons olhos pela maioria da população aracajuana, ela possuía um papel fundamental, o da iniciação na vida sexual dos rapazes aracajuanos. Geralmente, a iniciação na vida sexual do adolescente se dava no prostíbulo. Ao ter sua primeira relação com uma mulher pública, o jovem rapaz estaria despejando seus impulsos libidinais nas casas de prostituição, mas mantendo as “moças direitas” e futuras esposas virgens. Dessa forma, a prostituição podia ser compreendida como um mal necessário. Se de um lado tal atitude era moralmente condenada pela sociedade, por outro ela era bem-vinda, pois representava um escudo protetor para alguns valores e comportamentos como a virgindade.

Desempenhando papel de iniciação sexual e preservação da virgindade, os bordéis não só representavam um ambiente propício para o prazer. A ida a um prostíbulo nem sempre tinha como único objetivo a busca por sexo. Muitos dos seus freqüentadores iam em busca de uma boa música para ouvir ou de um momento de prosa com seus companheiros de farras, faziam contatos políticos, discutiam negócios, escreviam poesias e até se inspiravam para futuras composições literárias. Além de um ambiente onde a sociabilidade estava presente, não podemos esquecer que nos anos de 1930 e 1940, a cidade de Aracaju não possuía muitos locais de lazer. Desta forma, prostíbulos eram ambientes que podiam ser desfrutados por um preço acessível.

Era após um dia inteiro de labor que os operários aproveitavam a vida noturna e recompensavam o trabalho e a disciplina industrial. Em um período da história caracterizado pela censura, vigilância e repressão como foi o Estado Novo, a construção destas redes sociais e a busca por tais ambientes significavam que a população buscava momentos de distrações e liberdade mesmo que por alguns instantes. O mundo do prazer propiciava a aproximação dos indivíduos com o coletivo, o que acabava deixando para trás todas as caracterizações negativas das “mulheres de vida fácil” e dos cabarés, associando-os mais como um pecado do que como uma doença.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Luiz Antonio. **Dicionário de nomes de denominações de Aracaju**. Aracaju: Banese, 2002.

BASSERMANN, Lujo. **História da prostituição: uma interpretação cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BUSSETO, Áureo. **Em busca da caixa mágica: o Estado Novo e a televisão**. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, vol. 27, nº 54, jul-dez, 2007, p. 177.

CAPELATO, Maria Helena. **O Estado Novo: o que trouxe de novo?**. In: FERREIRA, Jorge (org). **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 111.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FONSCECA, Silva. **Getúlio Vargas**. São Paulo: O Globo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LEÃO, Eudorica Luciana Almeida. **As grandes simuladoras: sífilis e prostitutas em Aracaju nas décadas de 1930-1940**. São Crsitóvão, 2003.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Em tempos de guerra: aspectos do cotidiano em Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**. São Cristóvão: UFS, 1998.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

SILVA, Hélio. **O Estado Novo 1937-1938**. História da República Brasileira. Edições Istoé: Rio de Janeiro, 1998.

Fontes

JORNAIS

Correio de Aracaju

_____ Cassino Rio Branco. Aju, 12 de julho de 1937. P. 04.

_____ Um domingo de Aracajú: notas de um repórter. Aju, 31 de maio de 1938. P. 01.

_____ Momentos de Aracajú. Aju, 19 de fevereiro de 1938. P. 04.

_____ Violenta scena de sangue! Aju, 8 de outubro de 1937. P. 04.

_____ Elixir de Nogueira

Folha da Manhã

_____ Um péssimo hábito que precisaria desaparecer. Aju, 10 de janeiro de 1939. P. 01.

_____ A má educação, fonte de má saúde física e moral. Aju, 14 de abril de 1939. P. 03.

_____ Nota médica. Aju, 22 de setembro de 1945. P. 02.

_____ Primeira Semana Anti-Venérea. Aju, 28 de setembro de 1945. P. 02.

_____ Propaganda de Elixir. Aju, 17 de fevereiro de 1939, p. 02.

_____ Propaganda de remédio São Lázaro. Aju, 06 de maio de 1938, p. 03.

REVISTA NOVIDADE

_____ ANJOS, José Fábio dos. No Cabarét. **Revista Novidade**. Aju, ano 4, nº 14, 1939.